

SOCIOLINGUÍSTICA CONTEMPORÂNEA: PERSPECTIVAS E FENÔMENOS SOBRE VARIAÇÃO DA LÍNGUA EM USO, MULTILINGUISTISMO E DIREITOS LINGUÍSTICOS

CONTEMPORARY SOCIOLINGUISTICS: PERSPECTIVES AND PHENOMENA ON LANGUAGE VARIATION IN USE, MULTILINGUALISM, AND LINGUISTIC RIGHTS

Fábio Luiz Nunes*

RESUMO: O presente manuscrito apresenta uma avaliação técnica de *Language in society* (editora Routledge, 2025), obra introdutória da sociolinguística contemporânea que coloca em articulação as áreas de variação linguística, multilinguismo, línguas de contato e direitos linguísticos. Discutem-se os fundamentos metodológicos, com destaque para a reflexão sobre a relevância dos métodos quantitativos. Analisam-se implicações políticas do conhecimento linguístico, incluindo planejamento educacional, justiça comunicativa e preservação de línguas ameaçadas. Aponta-se que a autora, Nala H. Lee, denuncia os limites de modelos hegemônicos, incorpora dados do hemisfério sul e considera impactos de tecnologias digitais na produção e circulação de dados sociolinguísticos atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística variacionista, Multilinguismo funcional, Direitos linguísticos.

ABSTRACT: This text presents a review of *Language in society* (Routledge, 2025), an introductory work on contemporary sociolinguistics, articulating the fields of linguistic variation, multilingualism, contact languages, and linguistic rights. Methodological foundations are discussed, with an emphasis on the relevance of quantitative methods. The political implications of linguistic knowledge are analyzed, including educational planning, communicative justice, and the preservation of endangered languages. It is highlighted that the author, Nala H. Lee, critiques the limits of hegemonic models,

* Fábio Luiz Nunes é mestre e doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Possui graduação em Psicologia pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais (CMMG) e é servidor público no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). E-mail: fabio.nunes.fln@cefetmg.br.

incorporates data from the Southern Hemisphere, and considers the impacts of digital technologies on the production and circulation of current sociolinguistic data.

KEYWORDS: Variationist sociolinguistics, Functional multilingualism, Linguistic rights.

INTRODUÇÃO

No campo das ciências da linguagem, está relativamente consolidada a compreensão de que os usos linguísticos não refletem somente a organização social, mas participam ativamente de sua constituição. É nesse horizonte teórico que a manifestação verbal e a estrutura social passam a ser concebidas em regime de interdependência ontológica, no qual variantes comunicativas indexam identidades e hierarquias, ao passo que normas coletivas legitimam, regulam e sancionam práticas linguísticas, segundo os postulados clássicos de teóricos como William Labov (1972a) e Joshua Fishman (1972). Essa premissa orienta *Language in society*, obra publicada pela editora Routledge em 2025, organizada em sete capítulos que caminham da sociolinguística variacionista e do multilinguismo a debates contemporâneos sobre justiça social e linguística computacional. O livro ainda não apresenta tradução para a língua portuguesa. A autora, Nala H. Lee, é uma linguista singapuriana e professora associada na National University of Singapore. Lee doutorou-se pela University of Hawaii em Mānoa e realizou estágio pós-doutoral na Stanford University, dedicando sua trajetória acadêmica à documentação de línguas ameaçadas, à tipologia e aos estudos sobre idiomas crioulos, com especial atenção ao *baba malay* (língua de origem malaia falada pela comunidade Peranakan) e a fenômenos linguísticos do hemisfério sul.

O capítulo inaugural, *An introduction to the contents of this book*, delimita o campo da sociolinguística à medida que situa o estudo da língua em sua interação com a sociedade, distanciando-se de visões que isolam a estrutura gramatical do contexto social. Lee (2025) recupera o desenvolvimento histórico da disciplina e menciona trabalhos precursores como os de Louis Gauchat (1866-1942), cuja relevância para a observação da mudança linguística em tempo real encontra ressonância na discussão de Meyerhoff (2006) sobre as origens da dialetologia. Nala Lee estabelece a distinção entre dialeto e sotaque, reservando ao primeiro termo as variações que abarcam o léxico e a sintaxe, enquanto o segundo se refere especificamente às variações de pronúncia e aos aspectos fonético-fonológicos da produção oral. O texto introdutório projeta os temas subsequentes da obra, cobrindo tópicos como multilinguismo, línguas de contato, o perigo de extinção linguística e a relação entre linguagem e justiça, estabelecendo assim as bases para a compreensão dos capítulos seguintes.

Sociolinguistic variation é o segundo capítulo, dedicado à sociolinguística variacionista ao investigar as correlações entre formas linguísticas e fatores sociais como idade, gênero e classe socioeconômica. Lee (2025) apresenta as noções de *variável e variante linguística* em concordância com Meyerhoff (2006), que caracteriza a variável como a unidade abstrata de análise,

enquanto a variante corresponde à forma específica manifestada pelo falante. É relevante destacar que a aplicação de métodos quantitativos, conforme defendida por Lee (2025) para identificar correlações entre formas linguísticas e fatores extralinguísticos, segue a tradição laboviana (Labov, 1972b). Percebe-se, para além disso, que o tratamento da variação estilística apresentado por Lee (2025) resgata o estilo como componente central, e não periférico, da investigação sociolinguística, demonstrando que a escolha de variantes não ocorre de forma aleatória, mas segue padrões probabilísticos socialmente condicionados (Freitag, 2015).

No capítulo três, *Multilingualism*, estuda-se o *multilinguismo*. Lee (2025) define esse fenômeno em termos de habilidade de um indivíduo em comunicar-se eficazmente em múltiplos idiomas, sem exigir proficiência nativa. Nessa seção, a autora investiga a *diglossia* (situação linguística em que duas línguas ou variedades de uma língua coexistem numa sociedade) e a distribuição funcional das línguas em domínios específicos, rechaçando a noção de que sociedades monolíngues sejam a norma. Essa posição diverge parcialmente de outros estudos que, apesar de tratarem da diglossia e do bilinguismo, tendem a separar as variedades de forma mais estanque em situações de “alta” e “baixa” função (esse é o caso de Wardhaugh, 2010). Por outro lado, há quem corrobore a visão de Lee (2025) ao defender uma perspectiva que integra a competência multilíngue do indivíduo, em oposição a uma mera soma de monolinguismos (Cenoz, 2013). A discussão sobre a alternância de códigos como recurso identitário também se faz presente no terceiro capítulo, ponto que é investigado sob o prisma da escolha linguística e da polidez por outros estudiosos (Meyerhoff, 2006).

Contact languages, o capítulo seguinte, versa sobre o surgimento e a evolução de *pidgins* (línguas simplificadas que surgem espontaneamente para facilitar a comunicação entre grupos que falam línguas naturais diferentes) e idiomas crioulos em contextos de interação social intensa. O texto elucida as teorias de formação dessas línguas, salientando o papel da nativização na transição de um *pidgin* para um crioulo, e exemplifica com o caso do *tok pisin* e do crioulo haitiano. Nesse ponto, observa-se que a obra, mesmo dialogando com estudos voltados especificamente ao contato linguístico (Meyerhoff, 2006), atualiza o debate ao incluir línguas mistas e a influência de fatores sociais na estabilização dessas variedades. Deve-se citar que outros autores também tratam de *pidgins* e crioulos, com ênfase no ciclo de vida dessas línguas, desde a restrição funcional até a criouliização e sua eventual descriouliização (Wardhaugh, 2010). Fato é que Lee (2025) sublinha a vitalidade dessas línguas como marcadores de identidade em comunidades pós-coloniais.

Com o capítulo cinco, denominado *Language endangerment*, são examinadas as causas e as consequências do desaparecimento de línguas, bem como suas estratégias de revitalização e de documentação. O texto discorre sobre o impacto da perda de domínios de uso e a interrupção da transmissão linguística intergeracional. Enquanto alguns estudiosos tratam do planejamento linguístico e da morte de línguas com foco nas políticas governamentais e padronização, caso de Wardhaugh (2010), Lee (2025) prioriza a ação comunitária e os métodos

de registro digital para a preservação. Outras pesquisas, nesse sentido, tocam no tema quando discutem a vitalidade etnolingüística (Meyerhoff, 2006), mas a autora da obra aqui resenhada aprofunda a análise sobre o papel do linguista na colaboração com falantes de línguas ameaçadas, aproveitando o ensejo para comentar experiências contemporâneas de projetos de documentação. Lee (2025) cita como exemplos o *Endangered Languages Project*, uma plataforma digital colaborativa para o registro de línguas ameaçadas, e a Década Internacional das Línguas Indígenas da UNESCO (2022-2032), voltada à conscientização global. A linguista de Singapura também destaca o trabalho de documentação e revitalização da comunidade *Black Tai* na Tailândia e o projeto colaborativo com falantes da língua *siPuthi* no Lesoto.

O sexto capítulo, *Language and justice*, aborda os direitos lingüísticos à luz das garantias fundamentais, tendo o art. 2º da Declaração Universal dos Direitos Humanos como ponto de partida para o debate sobre discriminação baseada na língua. A autora esclarece a distinção entre direitos positivos e negativos e detalha a Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos de 1996, documento que, apesar de não ratificado, orienta ações políticas e sociais. Essa ênfase na esfera jurídica e nos marcos regulatórios amplia debates anteriores que se concentravam prioritariamente nas atitudes e na vitalidade das línguas em comunidades multilíngues, sem necessariamente aprofundar o viés do direito internacional (Meyerhoff, 2006). Nessa direção, é importante notar que a análise de casos concretos, como a implementação de tradução simultânea para a língua *cree* no parlamento canadense, exemplifica a materialização dessas garantias, segundo a própria autora.

No último capítulo, chamado *Language and computing*, Lee (2025) trata da interseção entre a sociolingüística e as tecnologias digitais, tópico que abarca desde a comunicação mediada por computador até o processamento de linguagem natural. A obra, nesse âmbito, atualiza as preocupações metodológicas de décadas passadas, quando a ênfase recaía sobre a construção de bancos de dados e a validade de amostras em ambientes virtuais, como lembra Freitag (2015). Se pesquisas anteriores sinalizavam os desafios éticos e técnicos da coleta de dados digitais para a análise variacionista, Lee (2025) amplia o debate para as implicações sociais e algorítmicas do uso da linguagem em sistemas computacionais contemporâneos.

Finaliza a obra um miniglossário de termos técnicos, recurso elaborado para tornar os conceitos acessíveis a leitores sem formação prévia em lingüística. Esse apêndice sistematiza definições essenciais de outras áreas das ciências da linguagem, garantindo que o leitor compreenda o fenômeno sociolingüístico com o rigor necessário. Acredita-se que essa estratégia didática se diferencia de manuais que introduzem o vocabulário especializado de forma dispersa ou que assumem um conhecimento tácito por parte do estudante. A presença dessa seção de referência reforça, portanto, o caráter introdutório e autossuficiente do livro, permitindo a consulta rápida e a fixação de conceitos-chave no campo da lingüística aplicada e da sociolingüística.

Como se vê, *Language in society* (2025) apresenta-se como uma introdução atualizada aos estudos sociolinguísticos, destacando-se por um foco deliberadamente menos centrado no universo anglófono ocidental. O alcance metodológico percorre tipologias de dados consagradas, como variação, multilinguismo, línguas de contato, vitalidade linguística, justiça e tecnologia, além de privilegiar a interação recíproca entre organização linguística e condições sociais. Um dos méritos mais visíveis do texto está na problematização da ideia de homogeneidade linguística ainda presente em diversas tradições, algo apontado por Salomão (2011) em sua discussão sobre o percurso da sociolinguística variacionista no Brasil. À medida que incorpora pesquisas de variação linguística oriundas da Ásia-Pacífico e do hemisfério sul, a autora expande o panorama internacional e busca mitigar a predominância histórica de dados e modelos derivados de sociedades majoritariamente monolíngues. A relevância teórica do livro obtém densidade por conta da inclusão de domínios científicos recentes, como as relações entre linguagem e justiça, envolvendo discriminação e direitos linguísticos, bem como os desafios colocados por sistemas computacionais e modelos de linguagem.

A organização didática do livro favorece a apreensão de conceitos complexos por leitores não especializados, sem abdicar de precisão conceitual. Apesar disso, a amplitude própria de uma obra introdutória acarreta uma limitação previsível: a condensação de debates teóricos e procedimentos metodológicos densos, que pode produzir simplificações. Tome-se como exemplo a metodologia da observação do vernáculo, definida por Labov (1972b) como a base mais sistemática da investigação linguística e, simultaneamente, uma das mais difíceis de obter, dada a necessidade de rigor na identificação de erros e na convergência entre diferentes tipos de dados. Essa complexidade impõe desafios consideráveis a exposições sintéticas. Quando defende que a sociolinguística deve concentrar-se na fala cotidiana, produzida sem monitoramento sistemático, Lee (2025) reafirma o princípio laboviano segundo o qual descrições linguísticas confiáveis dependem de dados coletados fora da presença do observador.

REFERÊNCIAS

- CENOZ, J. Defining multilingualism. **Annual Review of Applied Linguistics**, [s. l.], v. 33, p. 3-18, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S026719051300007X>. Acesso em: 16 dez. 2025.
- FISHMAN, J. A. **The sociology of language**: an interdisciplinary social science approach to language in society. Rowley (Estados Unidos da América): Newbury House, 1972.
- FREITAG, R. M. K. Desafios teóricos-metodológicos da sociolinguística variacionista. In: PARREIRA, M. C. et al. (org.). **Pesquisas em linguística no século XXI**: perspectivas e desafios teóricos-metodológicos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 29-36.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia (Estados Unidos da América): University of Pennsylvania Press, 1972a.

LABOV, W. Some principles of linguistic methodology. **Language in Society**, Cambridge (Reino Unido), v. 1, n. 1, p. 97-120, 1972b.

LEE, N. H. **Language in society**. London (Reino Unido): Routledge, 2025. 182 p. (Routledge guides to linguistics). ISBN: 978-1-032-62144-9.

MEYERHOFF, M. **Introducing sociolinguistics**. London (Reino Unido): Routledge, 2006.

SALOMÃO, A. C. B. Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da sociolinguística variacionista no Brasil. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 187-207, 2011.

WARDHAUGH, R. **An introduction to sociolinguistics**. 6. ed. Chichester (Reino Unido): Wiley-Blackwell, 2010.

Recebido para publicação em: 16 dez. 2025.

Aceito para publicação em: 12 abr. 2026.